

A Mala De Wall Street

Quando meu pai chegava em casa nas noites de sexta-feira, depois de cinco dias fora a trabalho, ele estava exausto.

Quase toda semana ele me pedia para ir até a garagem buscar duas coisas no carro dele: a pasta e a mala.

Ele precisava das duas. Às 21h30 em ponto, um inspetor ligava e os números precisavam estar prontos.

Isso se tornou nosso ritual de sexta-feira. Eu nunca reclamei. Eu fazia isso pelo meu pai. Eu fazia isso por nós.

Os números nunca estavam errados. Os resultados nunca ficavam abaixo do esperado. E eu nunca o vi bravo.

Quando criança, passei a acreditar que ele possuía uma mala mágica.

Em casa, porém, minha mãe frequentemente me pedia para buscar sua bolsa e sua carteira. Essa foi minha primeira lição. Dois objetos completamente diferentes podiam carregar o mesmo nome.

Um grande, cheio de trabalho. Um pequeno, cheio de dinheiro.

Anos depois, numa noite de inverno, meu pai e eu voltávamos de um funeral. Bloqueios causados por uma greve nos obrigaram a seguir por um caminho que normalmente nunca usávamos.

Ao longo de uma avenida escura havia várias mulheres perto de pequenas fogueiras. Cada uma carregava uma bolsa.

Perguntei quem eram. Meu pai sorriu.

“São senhoras procurando trabalho.”

Olhei para as bolsas. “Elas carregam as ferramentas com elas”, ele explicou. “E quem são os clientes delas?” “As pessoas que praticam boas ações.”

Eu tinha dez anos. Naturalmente, presumi que as pessoas que lidavam com ações de alguma forma também lidavam com aquelas mulheres. O mal-entendido fazia todo o sentido para mim.

Anos depois, meu pai me levou a Milão. Pela primeira vez entrei no templo das finanças italianas, a Piazza Affari.

O pregão estava cheio de gritos. Gente comprando. Gente vendendo. Gente agitando pedaços de papel como se a própria civilização dependesse deles.

Olhei ao redor, confuso. “Por que estão todos gritando?”

Meu pai riu. “É assim que esse negócio funciona.”

Discordei na hora. Eu o tinha visto trabalhar por quinze anos. Ele nunca precisara gritar.

Rimos como loucos. Aquela noite terminou nos Navigli, onde minhas lembranças mais uma vez se misturaram.

As mulheres à beira da estrada. Suas bolsas. Os operadores na bolsa de valores. Suas maletas.

Mercados diferentes. Mercadorias diferentes. A mesma busca humana.

Alguns daqueles homens podiam comprar quase tudo. O que achavam difícil de obter eram sentimentos. Esperavam comprar amor. O que geralmente compravam era outra coisa.

Depois havia minha tia. Ela mantinha a maquiagem escondida dentro da bolsa porque seu marido ciumento acreditava que a beleza deveria aparecer naturalmente.

Quando ela voltava para casa, impecavelmente arrumada, ele sorria com orgulho. “Você está linda hoje.” “Que pele saudável.” E ela balançava a cabeça em silêncio.

Outra bolsa. Outro segredo. Outro mercado.

Conforme fui crescendo, descobri que o mundo contém muitos tipos de malas.

Algumas carregam números. Algumas carregam dinheiro. Algumas carregam desejos. Algumas carregam mentiras. E algumas carregam vidas inteiras.

Ferdinando Frega

Ferdinando Frega — gillettenarrative.com